

FONTES OU RECURSOS DE INFORMAÇÃO: CATEGORIAS E EVOLUÇÃO CONCEITUAL*

Lena Vania Ribeiro Pinheiro, IBICT

1. TENTANDO CLARIFICAR QUESTÕES CONCEITUAIS E DE TRADUÇÃO

Alguns termos técnicos de Ciência da Informação nem sempre são bem compreendidos em língua portuguesa e, muitas vezes, os equívocos advêm de problemas de tradução e ausência de base conceitual. Além disso, línguas ou idiomas passam por transformações no tempo, são dinâmicos e, como também ocorre com indivíduos, têm seu ciclo de vida - nascem, desenvolvem-se e morrem. Não por acaso a Bibliometria/Informetria estuda a “vida-média” e a obsolescência da literatura científica.

Alguns desses termos, como os periódicos, estão entre os de interpretação mais diversa, muitas vezes equivocada, a começar pela diferença entre “journal”, que chega a ser traduzido por jornal, quando se refere a periódico científico. Diferentes são os “periodicals”, estes sim, publicações periódicas (porque circulam em intervalos regulares) e não científicas, elaboradas na condição de serviços de indexação e resumo, tanto que o Thesaurus da ASIST indica o uso (UF) de “índices de periódicos” (“periodicals indexes”), e não “journal indexes”. Da mesma forma, há alguns anos atrás, esses índices e resumos eram conhecidos como fontes de informação e hoje também é adotado o termo “recursos de informação”, tal como aparece e é recomendado na segunda edição do mencionado Thesaurus.

Para uma breve e superficial verificação da atualidade do uso desses dois termos, foi acessado o Google e em “fontes de informação” foram recuperados 15.100.000 itens e, em “recursos de informação”, um número mais elevado, de 22.100.000, ambas as estratégias de busca com filtro. No entanto, na leitura do conteúdo dos primeiros itens foi constatado que, como recurso de informação é termo mais amplo, também engloba outros tipos de recursos, enquanto fonte de informação pareceu ser mais específico e ainda bastante adotado. No “Guides to information resources”, da University Libraries, Maryland (<http://www.lib.umd.edu/guides/primary-sources.html>) são utilizados os termos fontes primárias, secundárias e terciárias, bem como na JCU – James Cook University, da

* Este trabalho foi elaborado por solicitação da Profa. Isa Freire, após discussões internas, no IBICT, sobre definições de fontes e recursos de informação, e a constatação da necessidade de retomada desses conceitos, no mundo virtual.

Austrália, que segue a mesma terminologia e categorias (<http://library.jcu.edu.au/LibraryGuides/primsrscs.shtml>).

2. CATEGORIAS DE FONTES OU RECURSOS DE INFORMAÇÃO

Além das categorias de fontes e recursos informação — primários, secundários e terciários — classificados segundo o seu conteúdo e propósitos, a partir da Internet/Web podemos considerar os eletrônicos.

Os primários correspondem à “literatura primária” e são aqueles que se apresentam e são disseminados exatamente na forma com que são produzidos por seus autores. Como exemplos devem ser destacados os periódicos científicos, os anais de conferência, as monografias e os relatórios técnicos. Podemos fazer uma analogia com o conceito de “literatura de”, adotado em Ciência da Informação, relativo à produção científica de determinada área, ou mesmo de “fonte primária”, na História.

No primeiro caso estaria o que é produzido por pesquisadores e especialistas de Ciência da Informação e na “literatura sobre”, o que se escreve sobre essa produção, como uma revisão de literatura, por exemplo. Os recursos e serviços secundários são os de indexação e resumo, devendo ser esclarecido que, aqui, indexação é usada no seu sentido lato, embora a estrutura adotada nesse serviço inclua os descritores, isto é, “termos escolhidos como expressão preferencial de conceitos, numa linguagem de indexação” (Thesaurus, 1998), além do resumo.

No Guia da University Libraries, as fontes primárias são definidas como “material original” e “não filtrado por interpretações”; as fontes secundárias são “interpretações e avaliações de fontes primárias”; e as terciárias são uma espécie de “destilação e coleção de fontes primárias e secundárias”. As definições da JCU são baseadas no conteúdo da informação científica e as categorias de primária, secundária e terciária “dependem de sua originalidade e proximidade com a fonte de origem”.

Embora as definições sejam convergentes, a classificação dos documentos nas diferentes categorias nem sempre é coincidente, o que se explica pela abordagem mais científica ou mais documental, o que depende da visão de conteúdo, ou de propósito ou função, conforme ressaltado inicialmente.

Entre as fontes primárias estão os artigos de periódicos, os anais de congressos e eventos científicos, relatórios de pesquisa, patentes, dissertações e teses etc. Fazem parte das publicações secundárias as bibliografias, os dicionários e enciclopédias, os manuais, as publicações ou periódicos de indexação e resumos, artigos de revisão, catálogos etc.

As fontes terciárias são as mais difíceis de definir e na JCU são apontadas como “a categoria mais problemática de todas” e raramente encontra-se a distinção entre fontes secundárias e terciárias. Conseqüentemente, os documentos incluídos nessa categoria variam muito, entre os quais bibliografias de bibliografias, diretórios, almanaques etc.

Pauline Atherton, no seu “Handbook for information systems and services” (1977) traz importante contribuição para discussão de conceitos, o que inclui os chamados serviços de indexação e resumo, cuja função é de “publicação secundária”.

No âmbito da disciplina comunicação científica são estudados os ciclos de informação na pesquisa (Jordan, 1973), ou o ciclo de transferência de informação (Lancaster, 1978). Para Jordan, entre as publicações primárias estariam os periódicos, as patentes e os relatórios; como secundárias, ele considera os resumos, índices e monografias, e nas terciárias inclui os livros-texto e tratados, o que é discutível.

Já Lancaster (1978) enfoca os papéis desempenhados por atores desse processo: autores e usuários, editores primários e secundários e centros de informação, atribuindo aos últimos a função de coleta, aquisição, organização, controle e distribuição secundária, nos serviços de análise da informação.

Finalmente, as fontes ou recursos de informação eletrônicos, que tanto abrangem fontes primárias, secundárias e terciárias, disponíveis eletronicamente na Internet, quanto novas fontes construídas especificamente para o meio eletrônico.

Vickery (1999) inclui as fontes eletrônicas no seu “fluxo de informação para os anos 90” e destaca os OPAC’s (Online Public Access Catalogues) e COPAC’s (Collective Online Public Access Catalogues), as conferências por computador e os guias para URL, entre outros. Além de terem surgido fontes de informação típicas do ciberespaço, como bibliotecas virtuais e digitais, OPAC’s e outros recursos, no ciberespaço, um mesmo recurso como, por exemplo, uma biblioteca virtual, pode abranger as três categorias de documentos, porque a rede possibilita a convergência e simultaneidade.

3. O PAPEL DE “PESQUISA BRASILEIRA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA”

Por suas características, “Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia” pode ser considerada uma publicação secundária, fonte ou recurso de informação secundário.

Conforme esclarece Atherton (1977), num periódico secundário a informação é representada e “raramente serve como substituto do documento original”, portanto, deve ser organizada e detalhada de tal forma a orientar o usuário até o documento original, na sua íntegra. Esse tipo de publicação, por circular em períodos regulares, é um periódico, ainda que secundário, tanto que Pesquisa Brasileira tem periodicidade semestral.

Atherton (1977) chama a atenção de que a função desse serviço de informação é guiar o usuário até documentos de sua área de interesse, selecionados na literatura disponível, neste caso, em forma eletrônica, porque o conteúdo de “Pesquisas Brasileiras em Ciência da Informação e Biblioteconomia” está direcionado a temas estudados no Grupo de Pesquisa liderado pela Profa. Isa Freire, sobre Informação e Inclusão social.

Portanto, atende aos objetivos e características de uma publicação secundária e, no contexto da Sociedade da Informação, reveste-se da atualidade das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's), tanto assumindo a forma eletrônica quanto disseminando informações disponíveis na Internet/Web.

Referências bibliográficas

ATHERTON, Pauline. Handbook for information information systems and services. Paris: UNESCO, 1977. 259p.

JCU – James Cook University. Primary, secondary & tertiary sources.

Disponível em : <http://library.jcu.edu.au/LibraryGuides/primsrsrcs.shtml>

JORDAN, Michael P. Expanding the invisible collage. In: ANNUAL MEETING OF THE AMERICAN SOCIETY FOR INFORMATION SCIENCE, 38, California, 1973. Proceedings... California, ASIS, 1973, p.103-104. v.10: Innovative Developments in Information Systems: their benefits and costs.

LANCASTER, F. W. Pautas para la evaluación de sistemas y servicios de información. Paris: UNESCO, 1978. 177p.

ASIS THESAURUS OF INFORMATION SCIENCE AND LIBRARIANSHIP. Edited by Jessica L. Milstead, ed. 2 nd ed. New Jersey, 1998. 169p.

UNIVERSITY LIBRARIES. Maryland. Guides to information resources.

Disponível em: <http://www.lib.umd.edu/guides/primary-sources.html>

VICKERY, Brian. A century of scientific and technical information. Journal of Documentation, 55, n.5: 476-527, December 1999.